

## VIAJANTE

**Karla Teixeira de Aguiar Nascimento**

Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UEG)

karlauegeo@gmail.com

Com pés descalços ele se lançou na estrada, corta o chão com o desprendimento que a falta de lembrança o permite. Não tem raízes em nenhum canto e tão pouco em alguém, mas tem lugares preferidos para se arrancar. Lugares que por algum motivo estimulam no interior daquele homem sozinho, a sensação de ser acolhido.

O viajante solitário e desmemoriado não carregava documentos, e em um dia, como efeito de mágica, ele apareceu pela manhã nas escadas da Igreja de Nossa Senhora da Penha de França na cidade de Corumbá. Trata-se de um interior charmoso na região central de Goiás, onde todos se conhecem ou já se viram, mas ninguém conhecia aquele corpo encolhido sobre a pedra do calçamento.

Os curiosos se aglomeraram no entorno do homem que dormia como se estivesse em casa, mas logo fora acordado com todo o burburinho e com os primeiros raios de sol. O olhar assustado se abre e acolhe aquela gente com um sorriso que faltava dentes, mas sobrava simpatia. Consigo, encontraram somente uma mala já surrada, dentro dela ele carregava alguns garimpos achados nas estradas, além de papel, lápis e alguns livros. A mala é velha, de couro já trincado e endurecido pelo tempo, nos dias chuvosos cheira mal, mas era o que o viajante mais temia perder, pois sentia que sua vida estava ali, além disso, seu corpo magro não suportava grandes pesos, era necessário priorizar o que levava.

Abraçado por aquela paisagem bucólica, o viajante despertava olhares, pois ficara naquele mesmo lugar por dias, ele inclusive fora visto dentro da igreja para espanto de muitos. Mas o que mais impressionou o povo curioso daquele interior foi o fato do viajante estar sempre a escrever, pois temiam que ele pudesse tramar algo. As ruas esvaziavam cedo e era o que o viajante precisava para a sua escrita fluir, o silêncio lhe era convidativo.

Ele apreciava o desenrolar da cidade, via uma linha temporal em seu calçamento que ora era de pedra de arenito, ora era de paralelepípedo. Aquele lugar despertava nele emoções

íntimas, pois se reconhecia no trotar pelas vielas, escutando vozes que lhe eram próximas. Tudo aquilo muito lhe dizia, e como o papel aceita tudo, lá ele registrava com sua letra enfraquecida, suas emoções em Corumbá de Goiás.

Além de sentimentos cristalizados pelo tempo, o viajante carregava consigo sede de justiça depositada em seu fiel escudeiro, um cão batizado de Valente. Assim como seu dono, o cachorro era magricela, mas esbanjava bravura no rosnar dos dentes.

Aos poucos, os moradores tomaram apreço por aquele andarilho, davam-lhe de comer e vestir e em troca, escutavam suas estórias e contos que tinham enredos desenrolados ali mesmo, mas em um tempo que não poderiam voltar. Tudo que ele escrevia parecia ter vivência, causando espanto nos moradores mais antigos. A fama do viajante escritor andou longe e atraía principalmente os empobrecidos escondidos nos becos da cidade, mas que tinham visibilidade naqueles textos.

As lavadeiras que subiam as ladeiras com suas trouxas e passavam por aquele homem, o olhavam e sentiam que além do viajante, ali estava um espírito que compreendia a luta do pobre, branco ou negro excluído, colocados às margens e oprimidos pela sociedade.

Sempre na porta da igreja ele fazia sua prece matinal e apresentava aos céus os homens que pela enxada se rendiam logo cedo para a produção do pão de cada dia, com um raminho verde se benzia, pois temia mau agouro. O dia para ele começava cedo, saía a andar sem rumo por aquelas ruas estreitas na companhia de Valente, pelo caminho encontrava com alguns moradores que lhe ofereciam um trabalho no roçado, mas suas mãos macias de dedos longos o entregavam, não tinha muito jeito para aquela lida, mas ele ia.

Com sua escuta afiada, ele daquela paisagem rural tudo guardava, as falas, os nomes, a vida dura que enrijeceu o jeito de ser do sujeito roceiro, homens e mulheres de poucas palavras. Naquele dia, o almoço para ele e para o cão estava garantido, fazia o trabalho pela comida e pela convivência com aquela gente, que mesmo simples, tinha muito mais do que ele.

No trabalho duro ele se rendia nos dias mais frescos, compreendia que seu corpo não sentiria tanto, mas em dias quentes ele se prostrava ali mesmo na frente da igreja e de lá pouco saía. Percebia que seus descaminhos o levaram para aquele lugar, era tempo de

recomeço, sentia que a vida lhe foi um tronco e suas escolhas os coronéis que muito mau lhe fizeram. Ainda sem saber de muito, ele escrevia sem parar, as palavras lhes eram suspiros.

Os últimos escritos pareciam presságios, eram páginas sobre uma jovem de nome Marieta a quem o viajante tinha muito carinho. O lirismo presente no conto conduzia aquela donzela para uma paisagem de conflito, onde a luta fundiária se enraizava pelos ermos dos gerais. As palavras neste momento o condenavam, estava ele apaixonado pela personagem que criara, era um amor genuíno que conduzia uma trama sangrenta, tudo se passava na Vila D'ouro.

Aquele romance, além dos demais poemas e contos, fizeram daquele homem de meia idade que dormia na porta da igreja, que tinha uma velha e preciosa mala e um cachorro, um talentoso escritor conhecido na velha e bucólica Corumbá de Goiás.

Com os escritos do viajante aquela cidade hospitaleira, pode reviver seus dias de glória após a partida de um sujeito que tinha uma escrita semelhante a do viajante, que retratava como ninguém o regionalismo rural vivido em Goiás, ele era Bernardo Élis Fleury de Campos Curado. Após esta semelhança ter sido ecoada pelas ruas e becos da pequena cidade, o andarilho que se ligou ao mundo através da escrita e usou desta para tornar visíveis seus mundos interiores, partiu assim como chegou.

Misteriosamente, ele deixou para trás Valente, sua mala e muitos escritos, mas levou a grandeza de um espírito que conseguiu evoluir ao olhar para si, após retornar para seu lugar, a histórica Corumbá de Goiás. Sua partida só foi possível por ter refeito caminhos e firmado laços anteriormente desfeitos.

Bernardo Élis, enquanto Viajante, partiu e deixou saudades no bravo Valente, nos que conheceram suas histórias e naqueles que ainda as lerão.

## **SOBRE A AUTORA**

### **Karla Teixeira de Aguiar Nascimento**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Geografia Agrária e Dinâmica Territorial (NEPAT).

---